

Bolsas artesanais do vale do Bajo Mayo: uma iniciativa bem-sucedida de beneficiamento do algodão nativo

Elizabeth Saint-Guily*

No estado de San Martín, na floresta alta do Peru, os pequenos agricultores do vale do Bajo Mayo cultivam a variedade “áspero” do algodão, de fibras curtas e que apresenta as cores branca ou parda (marrom). O cultivo é feito por intermédio de um sistema tradicional de roça-corte-queima em encostas. As árvores são cortadas e a vegetação é queimada para preparar o terreno onde o algodão é plantado, em consórcio com o milho, feijão, banana-da-terra e frutas, por cerca de dois anos. O algodão é a principal fonte de renda das famílias. Os outros cultivos são destinados sobretudo ao autoconsumo. Agrotóxicos não são utilizados por questões econômicas e culturais. Trata-se, portanto, de uma agricultura de baixos insumos externos.



Foto: Autora

Bolsas feitas pelo grupo de mulheres artesãs

As mulheres tradicionalmente fiam e tecem o algodão para fazer faixas (usadas para carregar objetos nas costas ou como apoio na frente), bolsas retangulares e roupas. Há anos que diversas empresas peruanas compram o algodão branco para comercializá-lo no mercado interno de fibras curtas (para uso medicinal, em colchões etc). Já o algodão pardo não encontrava compradores, até que, nos anos 90, algumas empresas estrangeiras chegaram à região particularmente interessadas, desde que ele estivesse certificado como orgânico. Pagaram os custos da certificação e



Foto: Autora

Mulher da comunidade de Solo (Lamas, Peru) fiando o algodão de sua roça com o *chuk-chuk* (fuso).

organizaram a assistência técnica, em parceria com o Centro de Desenvolvimento e Pesquisa da Floresta Alta (Cedisa), uma ONG que trabalha na diversificação dos cultivos e das fontes de renda dos pequenos agricultores locais.

A flutuação dos preços do algodão no mercado internacional, no entanto, torna o sistema instável. Há épocas em que as empresas deixam de comprar o algodão pardo orgânico, o que prejudica os produtores. Isso porque, embora se fale em “responsabilidade social” de negócios envolvendo certificação orgânica, as empresas não podem assumir com muita antecedência o compromisso de comprar a produção, sendo os pedidos feitos de ano em ano. Para resolver esse problema, é necessário buscar alternativas de mercado para o algodão pardo que garantam rendimentos de médio e longo prazo para os pequenos agricultores.

No vale do Bajo Mayo existe uma iniciativa de valorização econômica do algodão que vem sendo desenvolvida paralelamente: a fabricação artesanal de bolsas e mochilas, com tecido tradicional de algodão pardo e branco feito à mão, mas com um estilo mais urbano e diversificado. As bolsas femininas, as mochilas de carregar nas

Foto: Autora



Menina da comunidade de Solo cultivando sua roça de milho e algodão

Foto: Autora



Jovens selecionando o algodão colorido orgânico

No vale do Bajo Mayo existe uma iniciativa de valorização econômica do algodão que vem sendo desenvolvida paralelamente: a fabricação artesanal de bolsas e mochilas, com tecido tradicional de algodão pardo e branco feito à mão, mas com um estilo mais urbano e diversificado.

costas ou na frente e outras peças feitas por encomenda são vendidas no mercado turístico local e nas lojas de Tarapoto e Lamas, cidade considerada o centro da cultura nativa da região. Esses produtos também são exportados para a Europa por meio de contatos particulares. O negócio, embora de pequena escala, é muito rentável e possibilita a agregação de valor à produção local de algodão e ao trabalho artesanal do grupo de mulheres, constituindo um exemplo de beneficiamento pós-colheita que se apresenta como uma alternativa interessante diante da instabilidade do mercado orgânico mundial.

Essa produção não surgiu como resultado de um programa de desenvolvimento. Ela é fruto do esforço empreendido pela população local. Trata-se de uma experiência em pequena escala, que teve como fator fundamental para o seu sucesso a sinergia entre tecnologia tradicional e adaptação do estilo dos modelos ao gosto da demanda turística. O levantamento de diferentes alternativas de comercialização, locais ou internacionais, também foi de grande importância.

Os projetos de desenvolvimento podem se inspirar nesse tipo de iniciativas, mas devem ter em mente que o principal segredo para o sucesso está em manter uma produção em pequena escala, que oferece maior flexibilidade e menor risco, obtendo resultados que muitas vezes a rede de comercialização de produtos orgânicos certificados para exportação não consegue atingir.

**Elizabeth Saint-Guily:
mestranda em Sociologia do
Desenvolvimento Rural,
Universidade de Wageningen, Holanda
esaintguily@yahoo.fr*